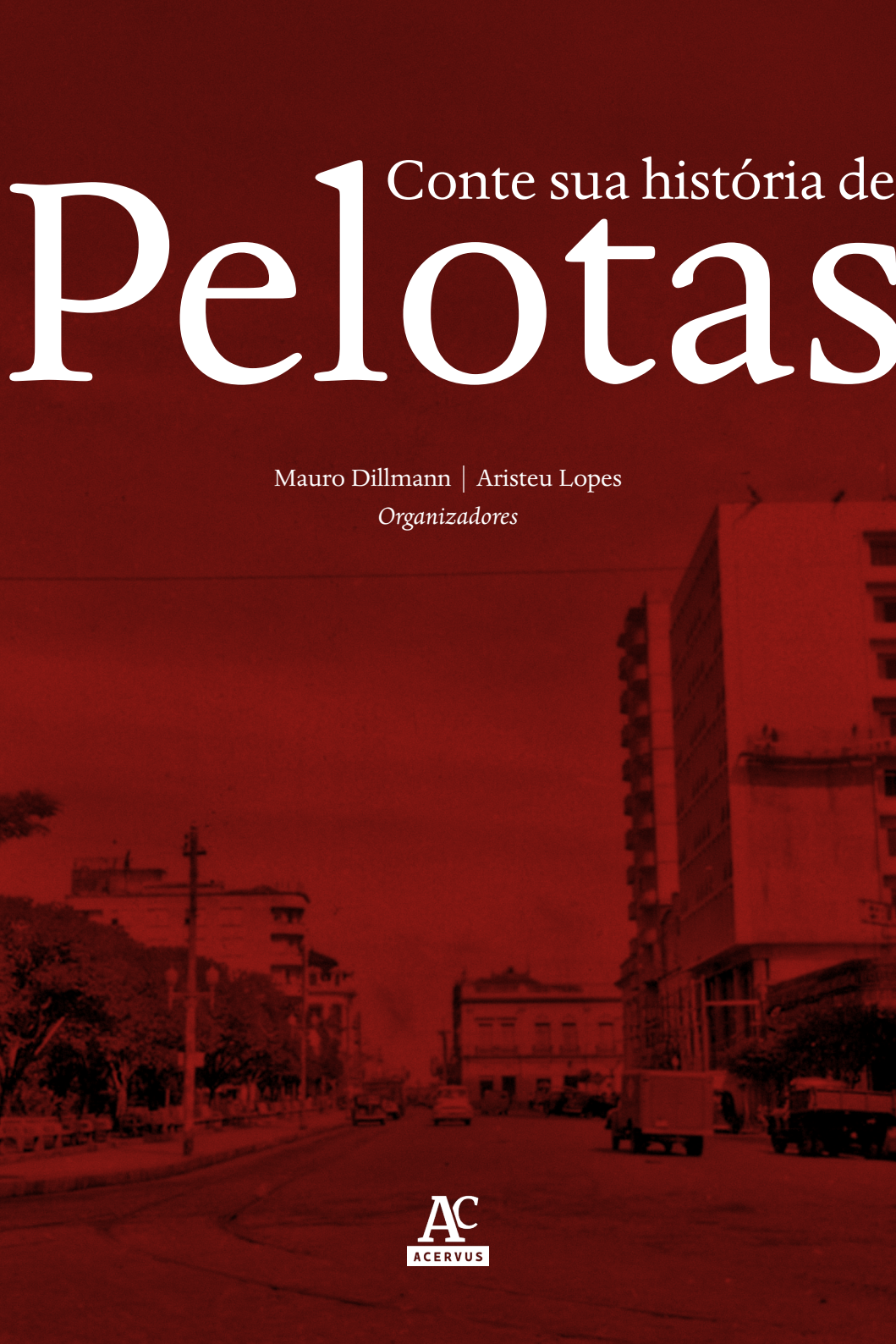
Conte sua história de Pelotas

Mauro Dillmann | Aristeu Lopes
Organizadores



ACERVUS

© Dos Autores, 2026
Todos os direitos reservados.

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação dos direitos autorais (Lei nº 9.610/1998).

Editoração e Capa
Alex Antônio Vanin

Preparação dos originais
Karine Calza Costa Curta

Projeto Editorial
Acervus Editora

Imagem da 1ª e 4ª Capa
Vistas do centro de Pelotas, vendo-se, à esquerda, a Praça Coronel Pedro Osório, em 1959. Acervo IBGE.

Conselho Editorial
Alexandre Saggiorato (UPF)
Athany Gutierres (UFFS – Passo Fundo)
Cristina Moraes (UDESC)
Diego Ferreto (UNISANTOS)
Eduardo Knack (UFCG)
Eduardo Pitthan (UFFS – Passo Fundo)
Erkan Akdogan (Ankara Üniversitesi/Turquia)
Federica Bertagna (UniVR – Itália)
Felipe Cittolin Abal (UPF)
Helion Póvoa Neto (UFRJ)
Humberto da Rocha (UFFS – Erechim)
José Francisco Guelfi Campos (UFMG)
João Carlos Tedesco (UFFS – Chapecó)
Liz Brewster (Lancaster University/Reino Unido)
Marta Chiappe (UdelaR – Uruguai)
Roberto Georg Uebel (ESPM)
Vinícius Borges Fortes (ATITUS)

CIP – Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

C761 Conte sua história de Pelotas [recurso eletrônico] / Mauro Dillmann, Aristeu Elisandro Machado Lopes, organizadores. – Passo Fundo : Acervus, 2026.
12 MB ; PDF.

ISBN 978-65-5230-093-5 (Ebook).

1. História - Pelotas (RS). 2. Memória coletiva - Pelotas (RS). 3. História e literatura. 4. Recordação. I. Dillmann, Mauro, org. II. Lopes, Aristeu, org.

CDU: 981.65 Pelotas

Bibliotecária responsável Jucelei Rodrigues Domingues - CRB 10/1569

Acervus Editora
Av. Aspirante Jenner, 1274 – Lucas Araújo
Passo Fundo | Rio Grande do Sul | Brasil
Tel.: (54) 99676-9020
acervuseditora@gmail.com
acervuseditora.com.br

Mauro Dillmann | Aristeu Lopes
Organizadores

Conte sua história de Pelotas

Passo Fundo
2026

Sumário

Apresentação 7

Memórias, aromas e sons de uma infância em Pelotas 11
Dr.ª Jara Lourenço da Fontoura

Façanhas estudantis nos anos 70 em Pelotas 19
Breno Correa Filho

Os noivinhos da Boate do Direito 29
Janaina da Silva Guerra

Espírito folião 33
Helena Manjourany

Pelotas: meu olhar saudoso e de admiração 37
Mara Rosângela Alves Casa

Experiências culturais de um moçambicano em Pelotas 41
Cipriano Parafino

Pelotas: infância passada de mãe para filha 47
Maria Alice Loss Leite F.

Orgulho azul e ouro 53
Gabriel Gonçalves Ribeiro

"Bule Monstro": uma ode às lembranças de minha vó 65
Pablo Rodrigues Dobke

A cidade que me habita 69
Edelson Santana de Almeida

200 anos de Pelotas 75
Carmela Acosta Russomano

Apresentação

Este é um livro de memórias, de registros de experiências, de escritos sobre vivências, de histórias pessoais e suas relações com o passado da cidade de Pelotas. São relatos dos modos como parte da comunidade se relaciona com o histórico, são afetos estabelecidos com a cidade, sentidos atribuídos ao passado e ao presente. Assim, a coletânea valoriza e divulga aspectos dessas histórias percebidas e contadas não pela academia, mas pelo público.

Essas memórias, por mais particulares que sejam, guardam alguma afinidade com o coletivo, podem ser compartilhadas por outras pessoas ou grupos. São reveladoras da vida pelotense em outros tempos e, em alguma medida, das mudanças sociais. Lembranças específicas, marcadas por traços geracionais, que acionam familiares ou amizades, cujas referências geram sentimentos como saudade ou nostalgia, diferença ou fortalecimento de identidades. E mais, geram percepções sobre as transformações da própria cidade.

Ao ler esses textos de memórias, construções de realidades, o que vemos são outros protagonismos na cidade, pessoas comuns com suas experiências diversas. São outras possibilidades, novas visibilidades. Quem narra se coloca na história e apresenta determinado olhar para fatos, fenômenos e acontecimentos sociais, políticos, urbanos. Cada texto narra o passado à sua maneira, construindo sentidos para o tempo pela subjetividade da própria lembrança, acionada no momento da rememoração. No seu conjunto, ainda que de modo restrito, os textos aqui reunidos podem captar a forma como o coletivo tem se relacionado com o tempo e com a história.

"Conte sua história de Pelotas" foi um convite aos pelotenses. Quais histórias as pessoas contam em suas casas, nos cafés, nos momentos de lazer ou nas redes sociais? Que elementos do passado da cidade são relevantes e merecem ser registrados e divulgados? O que se quer contar, não se quer esquecer? Dessa forma, os textos dessa coletânea são escritos de memórias que perpassam a vida na cidade, trazendo compreensão e orientação para a vida no presente. São modos pelos quais cada pessoa percebe e se relaciona com o passado hoje, modos que daqui a algum tempo certamente não serão os mesmos.

Vale reforçar: esse livro divulga as experiências históricas pessoais e suas aproximações com a cidade de Pelotas. Nele encontramos textos que tratam das memórias de resistências cotidianas durante os anos da ditadura civil-mi-

litar; memórias de experiências familiares; memórias de sons e cheiros da cidade; memórias de encontros, namoros e casamentos; memórias de hinos nas escolas; memórias de carnavais; memórias de lugares e instituições; memórias de aprendizados acadêmicos e culturais; memórias de afeto mãe e filha; memórias de clube de futebol; memórias de objetos da avó.

Esses registros indicam as vivências públicas de cada pessoa que narra, a exposição do nome próprio, as (auto) referências como inscrição de si, como identificação, como protagonismo histórico e como afirmação da diferença. São também escritas de si e interpretações imaginativas bastante pessoais das experiências vividas em Pelotas.

Por fim, importa dizer que "Conte sua história de Pelotas" foi um projeto de extensão da Universidade Federal de Pelotas,[1] desenvolvido no Curso de Licenciatura em História da UFPEL entre 2024 e 2025. Em 2024 divulgamos o projeto *Conte sua história de Pelotas* na rede social *Instagram*. Registramos agradecimento à Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da UFPEL e ao então bolsista Lucas Marques, graduando em Licenciatura em História.

Que este livro renda boas leituras!

Pelotas, 2025.

Mauro Dillmann e Aristeu Machado Lopes

[1] A concepção do projeto foi livremente inspirada na obra "Conte sua história de São Paulo", organizada pelo jornalista Milton Jung e publicada pela Editora Globo em 2006.

Memórias, aromas e sons de uma infância em Pelotas

Dr.ª Jara Lourenço da Fontoura[1]

As memórias são travessias que têm cheiros, cores, sons e passeiam por nossa mente como mariposas ao redor da luz, e, quanto mais as lembranças chegam, a vida parece parar naquela época. E, de uma forma mágica, mergulhamos como peixes em águas profundas do tempo adormecido dentro de nossos corpos e almas.

Era década de 1960, eu e minha irmã morávamos, juntamento com nossos pais, no Conservatório de Música, na rua Félix da Cunha, em frente à praça Coronel Pedro Osório, onde minha mãe, Nilza Rita Lourenço da Fontoura, era diretora e ministrava aulas de piano e acordeom. Nossa vida era regada de muitos sons. Lembro-me do prédio grande,

[1] Drª Jara Lourenço da Fontoura – Professora do Instituto de Educação - IE-FURG. E-mail jarafonta@gmail.com

antigo e cheio de detalhes nos tetos, com portas e janelas imensas. Nessa ocasião havia poucos alunos e nossa vida já estava começando a dar sinais de sons agudos e fortes de tristezas, pois meu pai, homem que sempre havia morado no campo, não conseguia se adaptar à vida da cidade e, por essa situação, afogava suas mágoas nos bares da cidade.

O que acalentava a nossa infância eram as canções que minha mãe tocava ao piano. Lembro-me de adormecer num tapete vermelho com minhas bonecas ao som de valsas, boleros e tangos tocados no piano por ela. Eu e minha irmã éramos crianças pequenas e não entendíamos muito bem o que se passava entre ela e meu pai. Eu mesma, só comecei a entender a sua dor, quando, ao lado do piano, ela escrevia num caderno, que depois eu descobri ser o seu diário, as dores da sua vida conjugal. Ela era uma mulher muito culta, delicada, amorosa e dedicada à sua arte de ensinar. Em frente ao Conservatório de Música Rossini havia uma praça, a Praça Coronel Pedro Osório. Essa praça retirava de nós as melhores gargalhadas que uma criança poderia dar, pois corríamos felizes ao encontro dos balanços. Lembro-me de que minhas tranças, muitas vezes, ficaram presas por entre os arbustos das árvores daquela praça. Havia cheiro de mato em meus cabelos, era um cheiro cítrico e muito perfumado. De longe passava o afiador de facas em sua bicicleta com um apito. Jamais esquecerei daquele som... Outro som de que me lembro daquela ocasião, era o do senhor que vendia algodão doce e cantarolava algumas canções para chamar a atenção da meninada. Sentado nos bancos da praça, víamos,

envergonhadas, rapazes e moças trocando carícias, beijos e galanteios, enquanto nós brincávamos.

Muitas vezes, queríamos sair correndo para ir para a praça brincar de esconder naqueles arbustos cheirosos, arbustos esses, que plantei na propriedade em que moro atualmente, na Cascata, no Sítio Além do Horizonte, pois, quando sinto o aroma, em minutos, recordo-me daquela época. Essas sensações olfativas impregnam a minha alma de mulher/menina. Trago em minha fase adulta a criança que ainda corre com tranças e laços por entre os arbustos. Minha mãe, às vezes, olhava na janela e dizia:

— Esperem crianças, ainda não podemos ir até a praça.

E eu, sem entender, sempre questionadora perguntava:

— O que temos que esperar para sermos felizes, mamãe?

E continuava questionando minha mãe, dizendo:

— Até o pipoqueiro, o afiador de facas e o senhor do algodão doce já chegaram, mamãe!

E ela dizia que eu deveria arrumar a minha irmã, cuidar de seus cabelos e roupas, para só depois disso, descermos aquelas longas escadas e ganharmos a praça. Naquele dia, ao olhar a minha mãezinha, via que lágrimas corriam em seu rosto. E sem hesitar, perguntei:

— Mamãe, por que estás chorando?

E ela respondeu:

Foi um cisco.

— Agora vocês já podem ir para a praça.

Eu não sabia que o que ela cuidava da janela era se o senhor da pipoca e o do algodão doce já haviam ido embora, porque, na maioria das vezes, ela não tinha dinheiro para pagar aquelas guloseimas. O pouco dinheiro que entrava com a matrícula dos alunos, o meu pai se utilizava dele para visitar os bares e cabarés da cidade de Pelotas. Eu acredito que, apesar desses momentos tristes que passamos, ficou dentro de nós a música, o som da flauta, o som do piano, o som do acordeom, o som do violão. Talvez seja por isso que gosto tanto de músicas até o dia de hoje, e me emociono ao som de um violão, piano, etc.

O Conservatório de Música Rossini, infelizmente, foi vendido e, por um certo período, tornou-se um local, onde confeccionavam roupas de noiva, depois virou uma funerária. Atualmente, tem só a sua fachada, pois é um local de estacionamento de carros. Ainda hoje, ao passar pelo prédio, que só a fachada é conservada, fecho os olhos e escuto o som do piano de minha mãe... E as lágrimas rolam pelo meu rosto... Saudade da melodia que acalentou, muitas vezes, os meus sonhos de criança.

Após meus pais terem vendido o conservatório, fomos morar na Vila Prieto, onde nossa mãe teve mais dois filhos. A Joceli, minha irmã caçula falece aos sete meses de vida, com crupe. Com esta perda, aprendi a sentir outro tipo de dor... Faziam parte daquele contexto, sons de choro miúdos de nossa mãe para não nos assustar.

Ela então foi convidada para ministrar aulas, em 1965, na Fundação Cidade do Rio Grande, que originou a FURG. Naquela ocasião, a passagem pelo rio São Gonçalo, de Pelotas para Rio Grande, era feita por balsa. Com isso, ficávamos em Pelotas aos cuidados do meu avô paterno, Eustáquio Madruga da Fontoura, e de algumas vizinhas. Logo, nossa mãe alugou uma casa e fomos todos morar em Rio Grande. Essa mudança transformou minha vida em novos cheiros, cores, sabores...

Minha mãe trabalhava muito e se preocupava em manter a família unida e o pai em casa. Em 1967, nasce o meu novo irmão Jaifer e minha mãe compra um terreno na praia do Laranjal, bairro Valverde, onde convivi com outros sons, tais como: bem-te-vis, caturritas, grilos, sapos, infinitos sons de aves... Ali descobri outras cores, outros cheiros, outros sons, o barulho dos cocos que caíam dos coqueiros. A beira da praia do Laranjal me fascinava, o cheiro da lagoa, a paz que aquela imagem me trazia era imensa. Aquele lugar conseguia trazer para nós a alegria perdida, corríamos livres, soltos, à beira da lagoa e fazíamos muitas brincadeiras com pedras, areia e água. Nossa condução, nessa ocasião, era uma charrete, e amávamos o galopar da égua Paloma que nos levava e trazia para nos banhar naquela linda praia. Tudo era motivo para brincar. O chão era um barro vermelho. Mais tarde, eu descobri que poderia fazer esculturas que virariam quase um gesso. Eu as esculpia e as vendia por valores irrisórios deixados

numa caixinha sobre o muro de minha casa. Esse dinheiro era aproveitado para comprar picolés, balas e guloseimas para meus irmãos menores. Minha mãe dizia que eu seria uma artista plástica, pois adorava tudo que envolvia a arte: músicas, desenhos, pinturas, esculturas, danças...

Do lado da nossa casa havia uma igreja. Como eu não possuía muitas bonecas, descobri que ali havia uma gruta com a imagem de Nossa Senhora e os três pastorinhos. Então, eu esperava o padre se retirar da capela e chamava meus irmãos. E ali eu brincava de ser professora, vestindo e fazendo com que as imagens fossem minhas bonecas. Certa ocasião, o padre descobriu o que eu fazia e, furioso, fez queixa para minha mãe. Meus irmãos fugiram a tempo, subindo nas árvores e se esconderam. Eu fui levada até a casa de meus pais pela orelha. Ao chegar em casa, minha mãe escutou o padre, se desculpou e prometeu que essa situação não se repetiria mais. Mas, promessa essa que eu não obedeci, pois eu voltei lá, muitas vezes, para brincar novamente, só que com mais cuidado. Eu, já nessa época, começava a dar sinais de rebeldia, pois já não aceitava os "nãos" impostos, sem as devidas explicações.

Hoje, em 2024, ao retornar a este local, lembro-me com muita saudade das gargalhadas de meus irmãos e dos gritos, dizendo:

— Corre Jara, lá vem o padre!

Lembranças doem, mas, ao mesmo tempo, são demonstrações de afetos e gargalhas vividas na infância.

Pelotas é a cidade na qual nasci eu e meus três irmãos (Janise, Jairo, Joceli), onde cresci e mais tarde voltei para ser a profissional da educação que sou hoje. No ano de 2000, a Praça Coronel Pedro Osório novamente me abraçou, pois ali desenvolvi um Projeto de Extensão, quando docente na UCPel, denominado "Projeto Ser", junto às profissionais do sexo que circulavam naquela localidade. Foi um projeto que envolveu estudantes de Letras, Serviço Social, Psicologia, Pedagogia, entre outros. Foram três anos de atuação, diariamente, com os meninos e meninas de rua e as profissionais do sexo. Vivenciei ali grandes aprendizagens, que marcaram a minha vida enquanto educadora e ser humano.

Para marcar esse encontro, novamente com a minha Praça Coronel Pedro Osório, eu escrevi um livro denominado: "O outro lado do negócio: Um olhar sobre a complexidade e a contextualização do viver"[2] (2007), onde relatei a dura vida dessas mulheres e jovens que trabalham e sustentam suas famílias, tendo a praça como local de trabalho.

Eu costumo dizer que somos feitos de muitos eus. E hoje, mais do que nunca, reconheço-me constituída por essas memórias, aromas, cores, sabores, imagens e sons da minha amada cidade de Pelotas.

[2] FONTOURA, Jara Lourenço da. *O outro lado do Negócio*: um olhar sobre a complexidade e a contextualização do viver. Pelotas: EDUCAT, 2007.

Façanhas estudantis nos anos 70 em Pelotas

Breno Correa Filho[1]

O cenário

Não foram tempos fáceis, mas éramos muito criativos, e sempre encontrávamos formas de driblar a repressão militar que tinha se instalado desde março de 1964. No final do segundo grau nos colégios, tanto o Ginásio Gonzaga (o meu, com orgulho) e o Ginásio Pelotense, haviam grupos de teatro e de cinema. Para terem uma ideia de como era a repressão, uma simples peça de colégio para ser exibida ou uma projeção de filmes caseiros necessitava de uma autorização da Polícia Federal. Até um mísero cartaz precisava ser carimbado para poder ser colocado em um poste, e isso exigia uma viagem a Rio Grande, onde carimbavam um

[1] Arquiteto Urbanista, colecionador de imagens e usuário de cinema - Pelotas/RS.

por um, sim, carimbavam um por um, além de termos que reservar, no dia da apresentação, alguns lugares na primeira fila para os censores.

Em uma mostra de cinema amador organizada pela Universidade Federal de Santa Maria em 1975, Pelotas contribuiu com três filmes. Um deles, teve uma cena censurada. O autor, nosso colega, sofreu uma violência moral terrível além de ter sua obra mutilada. Recordo-me de estarmos todos sentados em uma grande mesa, e ao centro um ou dois militares, um deles entregou para ele uma tesoura e um envelope pardo com a ordem: corta a cena que citamos, coloca dentro e nos entrega. Não tinha o que fazer, estavam armados.

Mais tarde, quando já estávamos na faculdade, e mais engajados na política estudantil, foi anunciado que o então General Presidente (como dizia o saudoso jornalista Deogar Soares) Geisel viria a Pelotas, para inaugurar a barragem e a eclusa no canal São Gonçalo. Os jornais divulgaram todo o trajeto da comitiva, prevendo inclusive um itinerário grande pelo centro da cidade.

Recordo que na véspera tinha uma turma grande reunida no Sarau Lanches, lembram onde ficava? Ficava o Sarau junto ao posto de gasolina na Av. Bento Gonçalves esquina com a Anchieta, e pegado a ele o primeiro Beko Lanches que na parede tinha um autógrafo do Juca Chaves, lembrança de sua passagem por Pelotas no Cine Capitólio, que era preservado pelo proprietário com um vidro em cima (não existe mais).

Bom, mas a turma toda (que não sei precisar os nomes, mas eram os de sempre) estava lá discutindo o que poderia ser feito para marcar nossa posição quanto ao regime vigente na passada deste personagem pela nossa cidade. Eu estava com o porta-malas do meu Doginho vermelho, como sempre, cheio de tubos de tinta spray, e a ideia era usa-los para escrever palavras de ordem pelo trajeto que o Geisel e sua comitiva iriam fazer.

A noite foi avançando e o pessoal dispersando, uns pelos efeitos da vodca outros por prudência mesmo, até que restou eu e um amigo, disse que o deixaria em casa e assim que ele embarcou "apagou" no banco do carona, pronto, já tinha uma parceria para a empreitada (somente anos depois ele veio a saber do que participou).

Começamos então a percorrer todo o trajeto que no dia seguinte a comitiva presidencial iria fazer no centro. Foram três tubos de spray para escrever no asfalto aquelas palavras de ordem de sempre: "Fora Geisel", "Fora Geisel e seus Ministros ladrões", "Abaixo a ditadura", "Pelas Liberdades democráticas", etc. Tudo muito calmo, não apareceu ninguém, ninguém nos importunou, foi um trabalhinho fácil, deixei meu amigo em casa e me recolhi, "loco de faceiro" com o que tinha feito. Manhã seguinte lá pelas 10h fui caminhando (achei melhor deixar o carro pois a paranoia me dizia que alguém poderia ter visto a placa) até o local do desfile só para sentir a reação... Bah, tive uma surpresa daquelas: não tinha o menor vestígio do que eu tinha feito. Nada mesmo, nem uma mancha de tinta vermelha, nem

um borrão. Realmente, eu não sei como a repressão fez aquilo! Eles também tiveram uma noite movimentada.

O Plano

Em maio de 1977 as entidades estudantis de São Paulo e do Rio estavam chamando para mais um "Dia Nacional de Lutas". Aqui em Pelotas um grupo de estudantes universitários junto com a ala jovem do MDB (na época só existiam dois partidos, a ARENA que apoiava o governo da ditadura militar e o MDB que fazia uma oposição bem-comportada, dentro de suas possibilidades) organizaram um movimento nosso. Hoje lembro que teve mais espontaneidade do que organização. Era necessário então providenciar a divulgação. Com os órgãos tradicionais de imprensa nem pensar, então fazíamos panfletos e os distribuíamos do jeito que podíamos, um colega tinha um apartamento na Cohabpel onde instalou uma pequena impressora, pretensiosamente chamávamos aquele local de "aparelho". Alguns dias antes da manifestação marcada para a Praça Conselheiro Maciel, que fica em frente a Faculdade de Direito, iniciamos a convocação. Para quem não viveu essa época vale contar que era preferível a polícia te apanhar com um cigarro de maconha do que com o que eles chamavam "material subversivo", bárbaro o termo né? Todos nossos companheiros passaram a cuidar da distribuição dos folhetos que eram entregues de mão em mão, obviamente a polícia (sempre

bem informada) sabia disso tudo. Claro que isso gerou fatos curiosos: Um colega nosso que não era de Pelotas alugou um imóvel para morar e o pai de um outro colega foi o avalista no contrato de locação. Era um fim de tarde, e como de costume a gente se reunia para tomar mate e fumar "uma" (como chamávamos o cigarro de maconha) geralmente na barragem onde dava para se ver o pôr do sol. Eu morava na Anchieta ente Neto e Voluntários (onde hoje é o Café Órion), o colega filho do fiador passou lá para me pegar num Chevette branco. Assim que eu entrei no carro, encostou do lado o colega que iria alugar o imóvel na sua Brasília laranja. Com os carros emparelhados passamos pela janela o contrato de locação já assinado pelo pai dele, e seguimos o nosso rumo.

Ao chegarmos na esquina da Neto em frente ao prédio que abrigou muito tempo a Secretaria de Saúde (hoje uma ruína por descaso do poder público municipal como muitos outros prédios), fomos fechados por um fusquinha preto e branco da polícia, o fusca era a viatura oficial dos "ratos", assim chamávamos e chamamos os policiais, com o nosso caminho bloqueado tivemos que parar, nem vi como, mas dois ou três "ratos" nos apontando "metralhadoras INA" estavam em nossas janelas e um deles já tinha se apossado do documento. Não esqueço a expressão de dificuldade do "rato" que estava procurando entender o texto, lia como se estivesse juntando as letrinhas, e nós paralisados. Assim que ele se deu conta que era um inofensivo contrato de locação ficou visivelmente decepcionado, devolveu para nós

e para não perder a "pose" olhando sério para todos... Disse em tom ameaçador: "Podem ir, mas tomem cuidado!!!".

A véspera

O apartamento de um dos organizadores na volta da Praça Cel. Pedro Osório estava totalmente lotado, não saberia dizer o nome de todos, mas muitos rostos conhecidos. Era a última reunião para os acertos finais antes da manifestação na Pc. do Direito que seria na manhã seguinte.

Já era de conhecimento de todos que se alguém tentasse falar seria preso imediatamente. Isso não foi empecilho para nós. Passamos então a discutir coisas práticas, como procederíamos ao chegar, quem iria se manifestar, quem iria abrir os trabalhos e quem falaria o que, ou pelo menos tentaria. Mais tarde chega o pai dele, na época Deputado Federal pelo MDB, como bom trabalhista, possivelmente vinha do restaurante Johnny's Drinks, na época na rua Voluntários entre Anchieta e Quinze, tradicional reduto do que se chamava "autênticos" do MDB (Brizolistas). Todos silenciaram para ouvir suas palavras de incentivo, coragem e experiência, foi um momento fantástico.

Antes de ir embora ele melancolicamente olhou um relógio parado, que estava na parede da sala e comentou que depois que ele foi embora ninguém mais se importou em dar corda nele. Lembro que puxou uma cadeira, subiu, deu corda e acertou os ponteiros. Ao descer da cadeira dei-

xou cair da cintura um revólver. Jamais esquecerei de um colega pegando a arma pela alça de mira com o polegar e o indicador, e entregando ao dono dizendo: "O sr. deixou cair isso dr.".

Bom, seguiu a noite agora com várias discussões e deliberações, quando alguém observou que os "fusquinhas" preto e branco dos "ratos" rondavam a quadra. Diante disso, alguém sugeriu que ficássemos a noite toda lá, o que prontamente foi aceito. Iríamos na manhã seguinte direto para a Praça. Um grupo foi para a cozinha fazer um carreteiro, outros cuidavam das bebidas. Na manhã seguinte saímos dois a dois, prática comum para evitar sumiços. Ao chegarmos no local encontramos uma paisagem assustadora, ninhos de metralhadora no telhado do prédio da Faculdade de Direito, guarnições acantonadas no quartel de bombeiros que era próximo, eles também passaram a noite se organizando.

O dia

Com toda essa "calorosa recepção", fomos em silêncio aos poucos ocupando a praça. Fomos sentando no chão, formando um retângulo no meio, bem em frente ao monumento alusivo ao Centenário de Ferreira Vianna (Pelotense, advogado e jornalista político). Agora no chão nem olhei mais para o telhado e para as metralhadoras, minha atenção se voltou para o cinturão de "ratos que nos cerca-

vam". Para abrir os trabalhos, já que sabíamos que não tolerariam discursos, alguém teve a ideia de escrever no chão com um graveto a palavra "liberdade", não foi combinado, alguém levantou e riscou o "L", todos entenderam qual era a palavra, assim fomos um a um escrevendo a tão proibida, na época, palavra. Lembro que fui o último a contribuir com a "perninha" do "R", sim, a palavra nunca foi completada. O clima foi pesando, e foi nesse momento que um dos organizadores, talvez o mais exaltado ou talvez o mais seguro por ter o pai Deputado Federal, levantou-se, foi até o retângulo central e disse: "Liberdade não se pede, se pratica", ou coisa parecida. Foi o suficiente para dois "ratos" o segurarem pelos braços e leva-lo para dentro da viatura. Nos restou então ficarmos reunidos cantando o Hino da Independência, mesmo sem saber a letra completa (só sabíamos de cor o refrão "Ou ficar a pátria livre ou morrer pelo Brasil"), e exigindo a volta dele, volta essa que foi negociada em troca de desocuparmos a praça. Não sei o tempo que demorou, mas quando o colega voltou, tivemos que cumprir o prometido, todos saímos, como sempre em pares, da praça, falando meio que na surdina: "A luta continua " e a rigor continua até hoje. De resto nem no Jornal do Almoço, nem no outro dia no Jornal da cidade, uma linha sobre o ocorrido foi falada ou escrita, apenas um artigo em um pequeno jornal alternativo de pouca circulação abordou o nosso episódio na Praça. Jornal esse que anos depois procurei na Biblioteca Pública e falta exatamente esse exemplar.

Concluindo

O que narrei aqui ninguém me contou, foi o que vi e participei. Como dizia Jorge Luiz Borges: "...foi como realmente aconteceu, ou como eu me lembro de ter acontecido, o que para mim é a mesma coisa... ". Há alguns anos atrás contei parte dessas minhas lembranças por e-mail para um colega em função de uma tese de pós-graduação que ele estava preparando. E foi esse trabalho acadêmico que propiciou voltarmos (os que ainda estavam vivos) em 2009 à mesma Praça e lá fizemos uma rememoração do nosso ato. Deixamos fixada uma placa em concreto com a palavra "Liberdade " incompleta como a escrita no chão, e em um local mais discreto uma placa um pouco mais desaforada. Momentos inesquecíveis. Sei que muitos companheiros também não esquecerão. Essa narrativa é do que vivi, seguramente tem muita história ainda para ser contada, cada um que participou da luta tem a sua, e um dia o mosaico estará completo. E mais do que nunca, a "Luta Continua".



Figura 1. Praça Conselheiro Maciel em uma manhã de 1977.
Fonte: Arquivo do autor, fotografia de Duca Lessa.

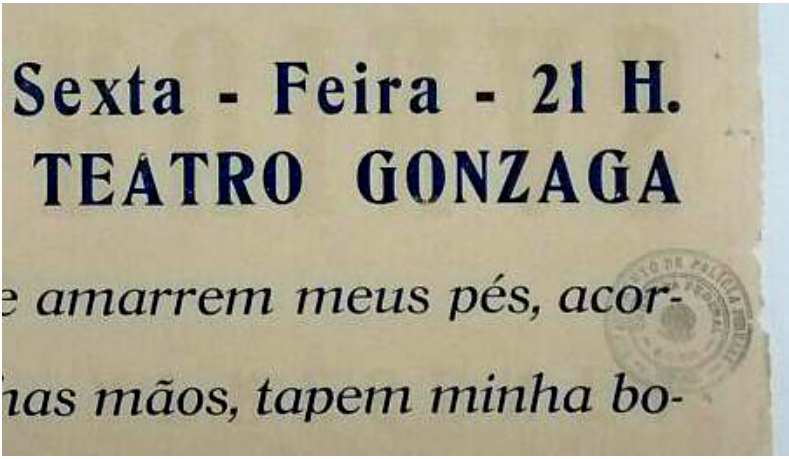


Figura 2. Nenhum cartaz poderia ir para as ruas sem o carimbo de liberação da censura – 1975. Fonte: Arquivo do autor.

Os noivinhos da Boate do Direito

Janaina da Silva Guerra[1]

Pelotas, dia 15 de setembro de 2001, sexta-feira à noite, e como era de costume da turma, todos os caminhos levavam à Boate do Direito, nosso porão preferido na cidade. Mas justamente naquela noite, muito fria por sinal, a animação não era tanta e a ideia era tomar umas geladas com a galera no apê da Marry e voltar pra casa. Depois de muita insistência ou nem tanta assim, cedi, me animei e partimos. Festa lotada, como sempre, povo animado, várias pessoas conhecidas, conversas e risadas embaladas à boa música.

Na mesma festa, mais cedo e com outra turma, logo na entrada, Cassiano encontra no chão um casal de noivinhos

[1] Assistente Social da Pró-reitoria de Ações Afirmativas e Equidade da Universidade Federal de Pelotas. Doutora em Política Social e Direitos Humanos da Universidade Católica de Pelotas. Esposa do Cassiano Gasperin e mãe do Gael Guerra Gasperin.

de bolo de casamento, daqueles bem retrô, tipo década de 80. Algo bastante inusitado para uma festa, ainda mais sendo a da Boate do Direito. Só vivendo aquele ambiente para entender do que falo, aquele era um dos lugares mais "underground" da cidade. Tipo "festa estranha, com gente esquisita", como nos diz a música, sabe? Pois então, zero chances de encontrar noivinhos de bolo de casamento jogados naquele chão. Pois Cassiano pega os noivinhos, olha para uma das amigas e fala: "será que é um sinal? Quem sabe hoje encontro a mulher da minha vida! (risos)".

Poucos minutos, nos vimos! Já nos conhecíamos, porque tínhamos amigos em comum, então, havíamos conversado uma ou duas vezes, sempre acompanhados de outras pessoas. Nos cumprimentamos e o papo foi rolando, ao som de Janis Joplin e Led Zeppelin, uma mistura de Mercedez Bens e Rock and Roll, trilha sonora da vida.

Saímos da festa para poder conversar melhor, sem tanto barulho. Foi então que, encostados no fusca da Rebeca (a amiga pra quem havia mostrado os noivinhos e falado que era um sinal), rolou o primeiro beijo. Óbvio que ele não ia perder a oportunidade de me contar a história que havia se passado momentos antes e me mostrado os tais noivinhos, que tirou do bolso, ainda sujos do chão da Boate do Direito.

Achei a história engraçada, até pensei: será que esse cara anda com esses noivinhos por aí e conta sempre essa história pra ficar com as minas? Mas deixei pra lá, afinal, pra mim tanto fazia, era só uma ficada mesmo.



Figura 1. Inusitados noivinhos. Fonte: Arquivo da autora.
Fotografia de Jeff Münchow.

Mas não foi, seguimos nos encontrando, a história dos noivinhos apareceu outras vezes, a própria Rebeca confirmou em um outro encontro que tivemos, que era real.

Começamos a namorar e lá se passaram 23 anos juntos. Desde então, os noivinhos estiveram presentes em dois casamentos de amigos(as) nossos(as), e viajou até pra Mato Grosso para casar o irmão de uma das amigas que também se casou com eles. Depois retornou para nossa casa, quando começamos a morar juntos em março de 2009.

Sobre a história dos noivinhos antes daquela noite, como eles foram parar no chão da Boate do Direito, nunca soubemos, mas fato é que no dia 15 de setembro de 2012, enfim, lá estavam eles, presentes mais uma vez, só que no, então, topo do bolo do nosso casamento.

Espírito folião

Helena Manjourany[1]

Na maneira dela encarar a vida, "felicidade é um estado de espírito", depende muito do momento. Ela é uma linda mulher muito volúvel, ao menor sinal ela some para voltar quando menos é esperada. Muitas vezes chega de mansinho, misteriosa, cheia de dengos, tão delicada que nem nos apercebemos. Só notamos sua presença quando já partiu, deixando um vazio profundo. Porém, em outras vezes chega arrasadora, sem medir as consequências.

Feliz por viver um momento único.

[1] Natural de Pelotas. Cronista, contista, historiadora. Professora inativa de História e Educação Artística. Começou a publicar seus textos somente em 2010. Coparticipa de várias coletâneas nacionais. Presidente do Centro Literário Pelotense. Acadêmica fundadora da Academia Internacional de Artes e Letras Sul Lourenciana. Acadêmica da Academia Pelotense de Letras. Lançou em 2022 o livro *As Brumas De Pelotas*. Pertence ao Coletivo Autores de Pelotas. Lançou o livro infantojuvenil: *Ser Diferente é Ser Legal*, tendo como coautora Julia Fernandes Pedra Alan, jovem de 12 anos.

Numa fração de tempo, constata a grande verdade: tem que viver essa experiência.

Não quer perder nada.

Os tímpanos vibram com a maravilhosa melodia da incrível bateria, cujos instrumentos tocados por mãos sensíveis, reproduzem sons diferentes em sua essência, a união de todos, comandados pela sabedoria de um mestre, nasce uma obra magnífica. A retina preserva a beleza das alegorias e a criatividade dos escultores e artistas dos barracões.

Sente o perfume característico dessa festa popular, será mesmo? Ou são apenas lembranças, tão bem guardadas, mas nunca esquecidas. Já viveu este momento.

Continua eletrizada em meio à multidão, cada sorriso, cada gota de suor, escorrendo pelo rosto coberto de purpurina. Homens e mulheres belíssimos com seus corpos seminus, brilhando sob as luzes da avenida em meio as plumas e paetês. Transformam-se em semideuses, seres mitológicos ou interplanetários. O sonho de cada um é particular, parece que estão sozinhos e ao mesmo tempo fazem parte de um todo muito maior que eles próprios.

Para muitos, é festa de orgia, até mesmo pagã. Na verdade, entre povos da antiguidade, era a preparação do jejum que antecede a Semana Santa. "Carnaval" vem de "Carnavália" festa da carne. Comer e beber até não aguentar mais. A origem é a mesma, o significado também. Convence o brasileiro que tudo deve acabar na Quarta-feira. Até a data para festejar já mudou! Se no Brasil o ano começa após o Carnaval. Quantos dias têm o ano?

É brasileira! Sua fantasia está exatamente do jeito que planejou. Uma baiana tradicional toda em renda branca e azul com muitas saias, bordada em prata. O turbante é imenso com muitas flores e frutas. Muito além do que poderia imaginar. Passou a vida sonhando em desfilar numa escola, tinha que ser na ala das baianas, as ama de paixão.

Sem entender muito bem, segue a coreografia. Tudo perfeito. Trôpega em meio a tantos babados, se esforça e aguenta firme o peso de todos os adereços, com a ilusão de que seus passos se igualam aos delas. Triste ilusão! Porque essas mulheres dão o sangue o ano todo para não errar nada. Ela era uma intrusa de última hora, consciente da responsabilidade.

Não! Não ia deixar essa oportunidade ficar só na saudade. O grandioso carnaval de Pelotas, da década de 40, 50, 60 que ela lembra, esse, não retornará. Enfim! A emoção é a mesma., Avenida Bento Gonçalves, duas quadras apenas, sem concurso, nada disso importa, o calor humano estava presente.

O amor imensurável pela Academia do Samba subiu ao céu e as cores azul, branco e amarelo preencheram a falta dos antigos componentes. Entidade carnavalesca desde 1949, está entre as mais antigas do estado do Rio Grande do Sul, não desiste nunca, sempre com a esperança de que um dia o poder público e os empresários ainda vão investir mais, reconhecendo que o carnaval é cultura popular, gerando empregos e divisas para o município.

Chegou a hora! Não podia perder a concentração. A alegria foi substituída por muito medo, terror talvez! De ser responsável por perder os famigerados décimos, ou famosos décimos! Trauma de qualquer sambista.

Que viagem! O concurso não é mais o mesmo. Volta a cantar o samba enredo, segue flutuando pela avenida, em um doce enlevo, indiferente ao resto do mundo. Num passe de mágica todo o mal da humanidade evaporou. Todos iguais, transpirando amor, sem preconceito. Uma orgia de sentimentos, um bacanal de alegria, com um único objetivo: reverenciar o simples fato de existir. Viver um momento único. A esplendorosa baiana desapareceu, tênis, bermuda e o abadá são as opções do momento, mesmo porque já se passaram oito décadas.

Inexplicável, nem a falta da arquibancada foi notada, não faltou empolgação, todos cantando a uma só voz o tema enredo: "A Deusa da Riqueza E Da Beleza É você, Oxum". E tu é nosso convidado, esse convite fez a diferença.

Com bandeiras multicoloridas, verdadeiras mensageiras da paz, a avenida revitalizada para o carnaval estava linda, ou foi a imaginação? Os idealizadores estão felizes, o local organizado, com segurança total. Aquela paz tão almejada por todos, naquele momento a havia encontrado.

Nostalgia de um espírito folião, que conserva ainda um confete colorido em uma bolsinha num canto qualquer e o aroma do lança-perfume naquele lencinho branco com as tuas iniciais.

Pelotas, março de 2023.

Pelotas: meu olhar saudoso e de admiração

Mara Rosângela Alves Casa[1]

Nascida e criada até os 16 anos em Pinheiro Machado, sempre tive uma simpatia ímpar por Pelotas, dizia aos meus pais vou estudar e morar em Pelotas é linda. Em meados dos anos 70 cá estava eu, vivendo na Princesa do Sul.

A rodoviária na Rua Mal Deodoro foi meu ponto de partida para essa nova jornada. Tudo novo e lindo, as ruas arborizadas com canteiros centrais deixaram lindas memórias fotográficas, pois, aos poucos foram desaparecendo para dar lugar a mais veículos, Pelotas crescia a todo vapor. A rua Andrade Neves com suas lojas majestosas,

[1] Formada em Relações Públicas pela UCPEL, Especialista em Administração de RP e PP pela PUC/Porto Alegre e empresária na área de Construção Civil. Diretora de Projetos Especiais da Associação Comercial de Pelotas, hoje desenvolvendo um Projeto de Revitalização do Centro Histórico de Pelotas. Casada a 36 anos com Eng. Vladimir Casa, mãe do Renan Casa e Diogo Casa, vó do Mathias.

Velocino Tores, Mazza, Procópio, Favorita a Trekos com os discos de vinil lindamente embalados e perfumados era presente certo. Que maravilha passear pelas calçadas e viver cada vitrine.

Mas estudar no Diocesano da Tia Alice era uma glória, que gente bacana. Bah! e as festas, que delícia ir aos bailes do Caixeiral, Diamantinos e Brilhante. Clubes lindos com festas badaladas e muito charme, o Carnaval nestes clubes era viver uma fantasia para a menina do interior, suas arquiteturas diversas e marcantes por si só já davam a pompa necessária para olhares de admiração.

Morava perto do Hospital Beneficência Portuguesa era inevitável passar pelo Mercado Público par ir para o Centro o ou mais tarde para o Curso Pré-Vestibular, sempre admirada pela beleza do mercado e pela história intrínseca em casa pedacinho de torre e ou parede.

A Segurança era espetacular, andava a qualquer hora da noite pela praça Coronel Pedro Osório e pelos arredores do Mercado sem ser abordada e ou incomodada, afinal era roteiro para ir e vir.

Os encontros dos estudantes na Colônia do Mazza e na praia do Laranjal eram momentos a parte, um momento de lazer e encontro com a natureza exuberante que é dada a Pelotas.

A UCPEL forneceu conhecimento para desenvolver o que sou hoje. Muitas coisas aconteciam no bar da Católica onde hoje é a Biblioteca, era como a esquina do café

Aquarius local muito politizado com discussões diversas e onde se fortalecia a rede de contatos. Mas o charme de visitar a UFPEL no Campus, Faculdade de Agronomia com prédio lindo e uma natureza notável ao redor era passeio certo. Não pode ficar de fora destas memórias e as festas da Odonto e da Leiga eram maravilhosas.

São muitas memórias que fazem parte da minha caminhada em cada pedacinho de Pelotas e lá se vão quase 50 anos fazendo parte da minha vida profissional como empresária e da vida pessoal. Criei meus dois filhos em Pelotas e aqui vivo.

Nesta trajetória por lugares fantásticos de Pelotas não há como deixar o imponente prédio da Associação Comercial, onde me tornei a primeira presidente mulher no biênio 2006/2008 na entidade centenária onde até hoje sou voluntária e tenho orgulho de ter participado ativamente nas comemorações dos 150 anos como Diretora de Projetos Especiais. Neste prédio, como mencionado antes um dos pontos mais importantes da cidade o Café Aquarius, um lugar pitoresco junto com a ACP realizando registro de grandes histórias.

Minha História de Pelotas passa por todos estes lugares que lembro com carinho e saudosismo ao mesmo tempo que vivo o presente e luto pelo futuro de Pelotas como a cidade que escolhi e tão bem me recebeu.

Experiências culturais de um moçambicano em Pelotas

Cipriano Parafino[1]

Meu nome é Cipriano Langton C. Parafino, sou moçambicano e atualmente estou cursando Mestrado em Ciências da Computação na Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Meu interesse pelo Brasil começou há alguns anos, e cheguei à cidade em 28 de fevereiro de 2024. Desde então, minha experiência tem sido repleta de descobertas culturais e um profundo senso de pertencimento.

Integração na Comunidade Moçambicana

Ao chegar ao Brasil, fui rapidamente integrado a grupos de *WhatsApp*, começando pelo grupo "Família Moz Pe-

[1] Natural de Moçambique, apaixonado por tecnologias, futebol e integração cultural. Mestrando em Computação pela UFPEL, pesquisador em Inteligência Artificial e Processamento de Linguagem Natural para detenção de conteúdos nocivos em redes sociais.

lotas" e "Família África", em 4 de março. Essa conexão foi crucial para encontrar colegas, especialmente no Rio Grande do Sul. No dia 16 de março de 2024, fui inserido no grupo de futebol "Resto do Mundo", onde jogamos aos sábados com pessoas de diversas nacionalidades, criando memórias inesquecíveis. Também participei de eventos da comunidade moçambicana, que têm sido essenciais para minha adaptação. As festas e celebrações ajudam a manter viva minha cultura, especialmente os encontros realizados na casa de Adélio Zeca Mussalama ou no Armazém do Porto.

Crescimento Acadêmico

Na UFPEL, a qualidade do ensino e a dedicação dos professores têm sido fundamentais para meu crescimento acadêmico. O Prof. Guilherme Correa, coordenador do curso, e minha orientadora, Profa. Brenda Salenave, sempre se mostraram disponíveis para esclarecer dúvidas e orientar minhas pesquisas. Em 8 de agosto, participei de uma roda de conversa na turma de Ensino de Letras, onde compartilhei experiências e ganhei um certificado de participação.

Tive a oportunidade de participar de seminários e cursos, incluindo um sobre Afrofuturismo, promovido por estudantes de Letras, que durou cinco encontros e também me rendeu um certificado. Essa vivência me proporcionou uma visão mais ampla da experiência de africanos no Brasil e reforçou minha identidade cultural.

Desafios e Aprendizados

Naturalmente, a adaptação a um novo país e cultura não é isenta de desafios. As diferenças de gírias e expressões foram inicialmente complicadas, mas cada obstáculo se tornou uma oportunidade de aprendizado. Aprendi expressões locais como "Bah", "Cacetinho" (pão francês) e "Sinaleira" (semáforo). Também compartilhei algumas gírias moçambicanas, como:

- **Bazar**: verbo "ir" (ex: "vamos lá bazar para casa" = vamos para casa);
- **Comeh**: diminutivo de "como é que é?" (saudação comum entre os jovens);
- **Tcheca lá**: "olha lá" (ex: "tcheca lá aquela cena");
- **Dama**: namorada ou moça;
- **Maningue nice**: muito bem (equivalente a "tri legal");

Essas trocas linguísticas têm sido enriquecedoras. Em 27 de setembro, conheci o Parque Una e fiquei encantado com sua tranquilidade e natureza pura, recomendando-o sem reservas. No dia 2 de setembro de 2024, participei de uma reunião no gabinete da Reitoria da UFPEL, representando Moçambique, onde discutimos o plano para o Dia da África, que ocorre em 25 de maio. A ideia é reunir todos os estudantes africanos da universidade para uma semana de palestras e diversas atividades.

A culinária de Pelotas é um dos destaques da minha experiência. Um dos pratos que mais aprecio são os famosos pastéis de Pelotas, que se tornaram um verdadeiro vício. Os doces da Feira do Doce, como quindim e mousse, também deixaram uma marca especial em mim. A variedade e qualidade da comida local sempre me surpreendem, fazendo com que eu sinta que estou vivendo uma verdadeira aventura gastronômica.

A música desempenhou um papel importante na minha adaptação. Tive a oportunidade de participar de pagodes e eventos musicais, onde conheci o rapper Guido e a talentosa cantora Leh Morais. Esses momentos de celebração musical trazem alegria e descontração, permitindo-me integrar a cultura local de maneira autêntica.

Minha experiência em Pelotas tem sido repleta de momentos significativos e valiosos. A cidade me conquistou com sua rica cultura, comida deliciosa e um povo acolhedor. Cada dia é uma nova oportunidade para aprender, crescer e fazer amizades. Sou extremamente grato por todas as experiências que estou vivendo e por ter encontrado um lugar onde me sinto em casa. Pelotas, sem dúvida, é um ótimo ambiente para qualquer moçambicano se integrar à vida brasileira, e estou animado para o que o futuro ainda me reserva aqui na Princesa do Sul.



Figura 1. Foto com letreiro de Pelotas (tirada no largo de Portugal). Fonte: Arquivo do autor, autoria própria.



Figura 2. Com os amigos de futsal aos sábados. Fonte: Arquivo do autor, autoria própria.

Pelotas: infância passada de mãe para filha

Maria Alice Loss Leite F.[1]

Esta história fala sobre duas infâncias na Terra do Doce: a de minha mãe, através de suas contações de história para mim, desde bebezinha, e a minha, que cheguei faz pouco na cidade. Como precisa mandar pelo computador, minha mãe (Carol Loss) está escrevendo enquanto eu e ela falamos sobre a minha infância e a dela.

Eu sou a Maria Alice, uma menininha nascida em 2014 na cidade de Niterói, no Rio de Janeiro, e desde garotinha ouvia minha mãe falar de como havia sido sua infância em Pelotas. Ela dizia que havia crescido no Bairro Fragata, já

[1] A autora é uma menina "experrrta" de 11 anos, nascida no Rio, mas, apaixonada por Pelotas. Adora ler e saber cada vez mais sobre a cidade que escolheu para morar e que lhe acolheu como se daqui fosse. Fala para todas suas amigas e amigos sobre a cidade a ponto de todo mundo querer conhecer Pelotas. Esse amor é ancestral e dele virá muitas alegrias.

que meus avós maternos moram até hoje em frente à Faculdade de Medicina. Naquele tempo, ela dizia que morava "em frente à Leiga", uma festa promovida por alunos da Universidade. Além disso, ela dizia que gostava de andar de bicicleta com as amigas na "pista", que eu enxergo, desde que conheci, como uma ciclovia. Durante a semana, minha mãe ouvia suas amigas de escola dizerem que iriam, aos domingos, no Bailão Estrela Gaúcha, local que foi algumas vezes e que namorava um menino que ela gostava muito.

Quando tinha filme da Xuxa ou dos Trapalhões, ela e seus amigos iam assistir e ficavam horas na fila do Capitólio para poderem entrar. O ingresso era um quilo de alimento e por isso, enchia de gente. Quando ficou maior, minha mãe ia nas baladas da Palatium *Sundae* e depois, mais velhinha, ela ia na Palatium, Clube Caixeral e Satolep ou ficava "dando um rolê" na Avenida Bento Gonçalves.

Ela me disse que brincava muito no pátio do condomínio dos meus avós de queimada, pique- esconde, de taco e de bolinha de gude com meninos e meninas. Naquele tempo, ela ficava até tarde na rua com os amigos, que vinham das ruas e dos condomínios vizinhos para conversarem (e para se beijarem também. Eca!). Muitas vezes, no salão de festas do prédio aconteciam as festinhas, onde as meninas ficavam de um lado esperando os meninos as convidarem para dançar. Mas, também tinham as músicas que todos dançavam como as do grupo *É o Tchan*. Ela me disse que teve muitos meninos que ela gostava: toda a semana, ela se apaixonava por um. Eu achei isso péssimo! Por que ela

só não brincava e estudava em vez de pensar em namorar? Eu, heim!

Ela me disse que teve um cachorrinho e uma cocota (um pássaro verde parecido com um periquito, meio papagaio, bem comum aqui na região): o Bob Tay e a Cóqui. Ela dormia com eles e sentiu muito quando os bichinhos morreram. Ela me disse que brincava de boneca de papel, que eu conheço por *paper doll,* de bonecas como Barbie e Susi (essa eu nem conheço!) e jogava *stop*.

Quando ela me contou tudo isso, a gente morava na cidade do Rio de Janeiro (eu nasci em Niterói e fui para o Rio em 2019). Eu sempre pedi para ela para a gente morar aqui em Pelotas. Sei lá, parecia que alguma coisa me chamava. Acho que era para ficar perto dos meus avós. Eu cheguei em Pelotas em abril de 2024 com a minha mãe para a gente morar aqui para sempre! Antes, eu visitei Pelotas por duas vezes: quando estava na barriga de minha mãe e ela veio contar sobre a minha vinda ao mundo e depois, aos 3 aninhos. Ela me disse que fomos na Vó Eloá, vovó de coração de minha mãe, para ela abençoar a minha chegada. Hoje, com 10 anos, eu visito a Vó Eloá todas as semanas e rezo para que meu avô fique melhor da doença dele.

Conheci a Baronesa, o Parque Una, fui aos dois cinemas. Aqui, eu tenho vários amigos e amigas e a gente se encontra sempre. E eles sempre falavam da Praia do Laranjal. Daí, pedi para a minha mãe me levar lá e fomos um dia jogar disco na praia e caminhar até o final do Trapiche. Nos queimamos toda por causa do sol! No último dia do

ano, eu e minha mãe fomos ver o *show* no Laranjal e fazer a contagem para a chegada de 2025. Viramos o ano e saímos correndo para celebrar com meus avós, na casa deles, lá no Fragata. Eu também brinco no condomínio dos meus avós com amigos, igual a minha mãe fazia, mas não fico até tarde porque agora é mais perigoso.

Quando chegamos aqui, eu descobri que Oxum é padroeira da cidade e que Pelotas é a primeira a fazer isso e eu fiquei muito feliz! Nós íamos a terreiro no Rio, mas eu não falava para os meus amigos porque eu tinha medo de não ser respeitada. Aqui, eu tenho amigos que vão também e eu não sinto medo de falar sobre minha espiritualidade (eu até já vi um Exu uma noite, quando eu e minha mãe saímos da casa da vovó para ir para casa!). Eu fui em eventos que falavam sobre os meus antepassados, como a "Dança dos Orixás", lá na Charqueada São João. E lá, eu vi um teiú, um tipo de lagarto, e ele é visto como um protetor das matas, igual a um orixá.

Eu conheci a Irmã Assunta e ela foi a primeira pessoa com 100 anos que eu conversei sobre a minha vida. Lá na Casa do Caminho, eu passei uma tarde comendo melancia, fazendo *reiki*, massagens e acupuntura enquanto minha mãe estava como voluntária, limpando o pátio.

Eu fui na Chegada do Papai Noel, na Praça Coronel Pedro Osório e dei até entrevista[2]. Eu adorei tirar foto com

[2] Para ver a entrevista, acessar: https://www.jornaltradicao.com.br/pelotas/geral/prefeita-prestigia-chegada-do-papai-noel-a-pelotas/.

ele e com seus ajudantes, até porque dois Elfos dele são meus amigos.

Eu moro na única cidade do Brasil que tem uma estátua da Mafalda (eu leio ela desde bebê) e do Betinho. Eu moro na cidade que me respeita por eu gostar dos orixás. Eu moro na cidade que tem os melhores doces do mundo (eu sou apaixonada pelo formigão da Fenadoce). Eu moro na cidade que eu pedi para a minha mãe para morar e ela me ouviu. Eu moro na cidade que eu tenho um montão de amigos. Eu moro na cidade onde minha mãe cresceu. Eu moro na cidade que eu amo: eu moro em Pelotas.



Figura 1. Fotografia na Praça Coronel Pedro Osório, decorada para a Chegada do papai Noel de 2024. Fonte: Arquivo da autora, dezembro de 2024.



Figura 2. Fotografia na Praça Coronel Pedro Osório, em frente à Biblioteca Pública, com a única estátua de Mafalda no Brasil e Betinho. Fonte: Arquivo da autora, janeiro de 2025.

Orgulho azul e ouro[1]

Gabriel Gonçalves Ribeiro[2]

Andando pelas ruas da nossa cidade encontramos diversas casas históricas, mas nenhuma delas tem para o torcedor áureo-cerúleo o significado daquela situada na rua XV de Novembro nº 471. Neste endereço, no distante 13 de setembro de 1908, quatro homens tiveram a brilhante ideia de criar o então Sport Club Pelotas. Joaquim Luiz Osório, Leopoldo Alvarez de Souza Soares, Francisco Rheingantz e João Frederico Nebel são os nomes destes senhores que a maioria de nós torcedores não conheceu, mas gostaria de agradecer enormemente. Dias depois deste encontro, mais

[1] Versão revisada e atualizada do texto publicado pelo autor no blog Dia do Patrimônio Pelotas, em 2021.

[2] Jornalista, historiador e professor de História. Mestre em Política Social e Direitos Humanos. Doutorando em História (UFPel). E-mail: gabrielribeirojornal@gmail.com

precisamente em 11 de outubro de 1908, foi realizada no Clube Caixeral uma assembleia geral para então ser oficialmente fundado o Pelotas, o nosso Lobão. Daquele momento em diante, inúmeras batalhas em azul e amarelo foram travadas pelos campos de futebol do Rio Grande do Sul, do país e do exterior. Vale lembrar a primeira delas! Pouco tempo após sua fundação, no dia 25 de outubro de 1908 o Pelotas inaugurou o Estádio da Avenida, atualmente conhecido como Estádio Boca do Lobo. Na ocasião, o Lobão recebeu o Rio Grande, clube mais antigo do RS e considerado na época uma grande potência futebolística. A primeira partida realizada terminou com vitória do Pelotas pelo placar de 5x1. Este jogo foi o pontapé inicial de uma trajetória vitoriosa que ultrapassou um século e continua nos dias de hoje.

Os anos e as décadas foram se passando e várias histórias foram e seguem sendo escritas. O Pelotas completou, em outubro de 2024, 116 anos de existência ininterrupta. Uma jornada recheada de passagens que podem ser contadas por todo e qualquer torcedor áureo-cerúleo. Afinal, como diz a letra do hino oficial do clube, composta por Valmúrio, "quem não te ama nunca sentiu emoção". Cada torcedor tem na memória o seu jogador preferido, um gol inesquecível, o melhor onze inicial, o uniforme mais bonito, o treinador que fez o time jogar. Enfim, são coisas do futebol e do futebol do Pelotas tem muita coisa para se contar. Vou recordar então, de forma intercalada, algumas histórias antigas e outras recentes. As do passado conforme me foram contadas por personagens das arquibanca-

das e em excursões. As de agora, pela vivência que pude ter ao longo dos meus 42 anos como torcedor, assessor de imprensa, diretor de comunicação, conselheiro, diretor de futebol e vice-presidente da instituição.

O primeiro time que acompanhei foi o de 1992, campeão do interior sob comando do técnico Cassiá. Foi um ano marcante não só para mim, mas para muitos torcedores do Lobão. Naquela temporada vencemos o Grêmio em pleno estádio Olímpico. 1X0 gol de Luís Carlos Gaúcho. Vale destacar que o início dos anos 90 foi o último momento em que o futebol do interior jogou de igual para igual com a já consolidada dupla Grenal no cenário do futebol brasileiro. Porém, não foi só a vitória frente ao tricolor porto-alegrense o jogo memorável daquele torneio. A vitória no BraPel disputado na Boca do Lobo com o gol de Beto, até hoje é lembrada nas rodas de conversa quando se fala no clássico. Um clássico reconhecido por todo país. Recentemente, o blog Pombo Sem Asa do portal globoesporte.com classificou o BraPel como o 30º maior clássico do futebol brasileiro. Tenho certeza de que cada torcedor tem seu clássico inesquecível e muita história para contar desses encontros. Um BraPel é diferente. Ganhar o clássico, no meu entender, é como ganhar um campeonato à parte. É muito bom ganhar BraPel! Nunca se sabe o placar do próximo clássico, mas sabemos o resultado do primeiro deles: 5X0 Pelotas, em 20/04/1913.

No período em que estive como assessor de imprensa do clube, longos e bons sete anos, pude ouvir os relatos

de muitas histórias. Ao escutar os mais antigos, sempre são apontados personagens de consenso na vida do Azul e Ouro. Vou falar do treinador que, por tudo que me foi dito, foi o expoente máximo da casamata áureo-cerúlea. Trata-se de Paulo de Souza Lobo, mais conhecido pelo apelido de Galego. Chegou na Boca do Lobo em 1956 e com seu jeito peculiar de trabalhar conquistou o tricampeonato da cidade (1956/57/58), abrilhantando ainda mais o aniversário de 50 anos do Pelotas. Como técnico de futebol, Galego trabalhou em outros clubes da cidade, mas o mais relevante me foi contado de forma bem específica: "o Galego era diferente porque deixava claro para todo mundo que torcia para o Pelotas. Ele tinha o Lobo até no sobrenome".

Outra curiosa narrativa é sobre o nome dado ao até então estádio da Avenida. Por que Boca do Lobo? Muito acham que se deve ao fato do mascote do Pelotas ser um lobo, mas não. Segundo relatos, a nomenclatura se deve ao formato de uma boca de lobo no entroncamento das Ruas Gonçalves Chaves, Dr. Amarante e Av. Domingos de Almeida, uma das esquinas onde fica situado o estádio. Com a oficialização do novo nome, a figura de um lobo passa ser o mascote oficial do clube. No início a imagem era de um lobo aristocrata, de fraque e cartola. Com o passar dos anos e a crescente popularização da torcida do Pelotas, o mascote passa a se vestir com o uniforme do clube. O caráter elitista dá o lado para aquilo em que o Pelotas havia se tornado: um clube popular.



Figura 1. Torcida do Lobão fazendo festa em jogo noturno na Boca do Lobo. Fonte: Assessoria de Imprensa ECP.

No livro do centenário do Esporte Clube Pelotas uma interessante analogia trazida é vista com muito bons olhos por boa parte da torcida. A relação existente por mera coincidência das cores azul e amarelo e da palavra boca entre o Pelotas e o clube argentino Boca Juniors. A equipe de Buenos Aires ostenta o azul e amarelo em suas bandeiras e camisetas, assim como o Lobão. Os *hermanos* estão localizados no bairro de *La Boca* na capital portenha. E é muito comum áureo-cerúleos transitarem pelas ruas ao redor de *La Bombonera*, principalmente no *Caminito*, e por estarem usando a camiseta do Lobo serem reconhecidos rapidamente pelos comerciantes locais como torcedores do Pelotas.

A relação com os castelhanos vem de longa data. Por exemplo, a primeira partida da Seleção do Uruguai em ter-

ritório brasileiro se deu no ano de 1911 no estádio da Avenida, hoje a conhecida Boca do Lobo. Em 1919, o Pelotas recebeu em seu campo a Seleção da Argentina, que acabara de disputar o Sul-americano no Rio de Janeiro. Em um jogo parelho o Lobão ficou no 0x0 com a Albiceleste, em uma partida que repercutiu em todo o país na época. De 1915 a 1960 foi comum uruguaios e argentinos vestirem e defenderem a camiseta do Pelotas.

Muitos jogadores passaram pela Boca do Lobo ao longo do tempo. Para os mais jovens, nomes como o de Flávio Dias (artilheiro do Gauchão 2003) e Sandro Sotilli vem junto com a lembrança de grandes gols que essa dupla marcou jogando na Avenida. Porém, os mais antigos não se furtam a apontar outros dois nomes que por aqui fizeram muito sucesso: Flávio Minuano e Ademir Alcântara. Minuano jogou no Pelotas nos anos de 1976 e 1977. Em sua carreira marcou um total de 1.070 gols, sendo que o milésimo dele foi defendendo o manto azul e ouro. Foi artilheiro do Gauchão em 1977. Já Ademir Alcântara vestiu a camisa áureo-cerúlea somente no ano de 1984, temporada em que foi artilheiro do Gauchão e saiu daqui com a façanha de nunca ter perdido clássicos BraPel.

Para falar daquilo que vivi acompanhando o Pelotas nas arquibancadas da Boca do Lobo, preciso fazer um registro, por mais óbvio que possa parecer. Certa vez, o jornalista Sérgio Cabral me perguntou em entrevista ao seu programa na Rádio Pelotense o porquê de eu ser torcedor

do Pelotas. E eu respondi: por causa da torcida. Irei explicar! Nasci no ano de 1983 e meu primeiro endereço, o qual morei do meu nascimento até os seis anos de idade, foi um prédio, que existe ainda hoje, localizado na esquina da Av. Bento Gonçalves com Rua Pe. Anchieta. Isto mesmo, em diagonal e a pouquíssimos metros do Estádio Boca do Lobo. Nosso apartamento ficava no térreo e contam meus pais que em dias de jogos eu ia para a janela e conversava com os torcedores do Pelotas que ali costumeiramente ficavam 'em concentração' antes das partidas. Anos mais tarde, aquele menino da janela cresceu e aprendeu que aquelas 'concentrações' são uma das coisas mais especiais que o futebol pode proporcionar. Desses encontros surgiram boa parte dos meus amigos e são desses momentos que espero poder participar enquanto tiver forças e saúde para isso. A torcida do Pelotas me fez torcedor do Pelotas!

Logo após receber meu diploma universitário, tive a felicidade da realização de poder trabalhar no clube do meu coração e em uma das minhas áreas de formação, o jornalismo. Estruturar uma assessoria de imprensa profissional foi importante para o clube, mas foi também preponderante para que eu vivesse grandes momentos dentro do clube. E, nas próximas linhas vou contar os principais: o Acesso de 2009 e a campanha no Gauchão de 2010.

O Pelotas já estava há quatro anos disputando a Divisão de Acesso. Após conquistar a Copa Lupi Martins no ano do seu centenário em 2008, o Lobo vinha forte para brigar pelo

retorno à elite do futebol gaúcho. Não foi nada fácil! Poucos lembram ou sabem, mas na fase semifinal, após derrota em Farroupilha, o Lobão precisou contar com resultados paralelos para depender somente de si na última rodada. Tudo deu certo e o Pelotas entrou na fase final com a autoestima lá em cima e o acesso já era consequência. Porém, o destaque dessa temporada foi o resgate da identidade e o 'jogar junto' com a torcida que contagiou o vestiário naquele ano. No Pelotas é assim, sempre que a sintonia time e torcida funciona, as coisas acontecem. Muitos acham difícil jogar no Pelotas por causa do peso da camiseta, mas na realidade quem conceber que jogar no Lobão é jogar para uma legião de torcedores apaixonados que sempre irá apoiar, deixará seu nome na história. Isto, o plantel de 2009 entendeu bem.



Figura 2. Comemoração nas arquibancadas da Avenida no Acesso de 2018.
Fonte: Assessoria de Imprensa ECP.

Logo após o acesso, veio o Gauchão 2010. Já na estreia a quebra de um recorde. Foi registrado o maior público em uma partida de futebol na cidade de Pelotas. 23.336 pessoas se fizeram presentes no primeiro jogo do Lobão contra o Grêmio na arrancada do Estadual daquele ano. Mas não foi só isso! O campeonato tinha em seu formato a disputa de dois turnos, cada um deles com uma fase classificatória, quartas-de-final, semifinal e final (todas em jogo único). No primeiro turno (Taça Fernando Carvalho), o Pelotas não conseguiu se classificar. No returno, mesmo desacreditado, o Lobo foi crescendo nas rodadas finais e, em uma partida com gol no último minuto no estádio Passo D`Areia contra o São José, Sandro Sottili classificou o Pelotas para as fases de mata. O adversário nas quartas-de-final foi o Grêmio, que estava invicto a 51 jogos e jogava no estádio Olímpico buscando avançar. Em uma virada espetacular, com dois gols de Tiago Duarte, o Pelotas venceu o tricolor porto-alegrense por 2x1 e quebrou mais um tabu. Na semifinal, mais um jogo em Porto Alegre. Desta vez o embate foi contra o São José. A tabela marcava as partidas tão próximas uma da outra que o Pelotas ficou na capital do Estado para a decisão no Passo D`Areia. Lembram quando relatamos a sintonia time e torcida? Pois então! Os torcedores do Pelotas promoveram uma verdadeira invasão ao estádio Passo D´Areia. O Lobo era visitante, mas devido aos seus milhares de torcedores que lá estavam, parecia que estava jogando em casa. Partida complicada e que foi decidida nos pênaltis. Vitória do Lobo para uma festa sem fim, que iniciou

logo após o apito final em Porto Alegre e durou a madrugada inteira pelas ruas da cidade de Pelotas. Então, chegava a hora de jogar a final contra o Internacional.

Em 18 de abril de 2010, o Pelotas entrou em campo para decidir a Taça Fábio Koff, nome dado ao segundo turno do Estadual. A parada mais uma vez se deu em Porto Alegre, desta vez no estádio Beira-Rio contra a forte equipe do Internacional, que no mesmo ano acabara sendo campeã da Libertadores da América. Porém, dias antes da final a torcida azul e ouro se mobilizou mais uma vez. Depois da vitória no Olímpico e da invasão ao Passo D´Areia, os torcedores queriam estar ao lado do Lobão na capital do Estado mais uma vez. Inúmeras excursões saíram de Pelotas rumo ao Beira-Rio. Eu já estava com a delegação do Pelotas em concentração desde a véspera e, no hotel onde ficamos, a imprensa de Porto Alegre fixou um posto para entrevistar os personagens azul e ouro daquela disputa. Em meio a tantas entrevistas, na manhã do dia do jogo, os repórteres que lá estavam nos informavam que mais de 80 ônibus com torcedores haviam saído da frente da Boca do Lobo para a decisão. Lembro que a comissão técnica fez questão de comunicar isto aos jogadores na preleção. Mais uma vez a sintonia entre torcida e time se fazia acontecer. Logo ao chegar no estádio, o coordenador da equipe de segurança do Internacional fez o seguinte comentário: "Eu nunca vi tanta torcida visitante aqui. Tem mais gente que o Corinthians colocou na final da Copa do Brasil". Vale lem-

brar que em 2010 o espaço destinado ao visitante podia ser superior a 10% da capacidade total. Ouvir aquilo foi como um gol! A partida iniciou e o Pelotas fez 2x0 em quarenta minutos de jogo. O Inter conseguiu descontar no primeiro tempo e até conseguir a virada o que se via era um Beira-Rio lotado vendo boquiaberta a torcida do Pelotas festejando nas arquibancadas. A conquista não veio, mas o Lobão já havia marcado seu nome em mais uma história.

Todas essas passagens, mas principalmente esta última, mostram a força da torcida áureo-cerúlea. Além disso, enfatizam também o quão é importante time e torcida jogarem juntos. Acredito que 2010 tenha sido o último ano que se viu isso na Avenida. Alguns lampejos como nos acessos de 2018 e 2024 talvez, mas apenas lampejos. Fica o registro do ponto comum de todas as histórias vitoriosas que me contaram e que vivenciei no Pelotas: a sintonia do vestiário com as arquibancadas. Para o futuro do clube fica o meu humilde pedido: entendam de uma vez que o Pelotas tem tantas histórias para serem recordadas porque em todas elas existiam torcedores acompanhando o Lobão com todo orgulho que só um áureo-cerúleo sabe o que é carregar no coração.

Claro que tantas outras lembranças ficaram de fora destes relatos. O Pelotas é muito grande. A Boca do Lobo é a casa de toda nação azul e ouro. E a torcida do Pelotas é o passado, o presente e o futuro deste clube que, agora em 2025, completará 117 anos. Obrigado Lobão!

"Bule Monstro": uma ode às lembranças de minha vó

Pablo Rodrigues Dobke[1]

Minha vó sempre foi de contar histórias, algumas engraçadas, outras tristes e outras meramente ilustrativas (quando estava prestes a começar um conto maior). Sua infância e juventude eram sempre lembradas, os parentes e os amigos também estavam sempre presentes, assim como locais e ocasiões; creio que talvez aí resida minha paixão pela história e principalmente, por contá-la. Foi em uma destas histórias, que contada para minhas primas e depois recontada para mim que surgiu a já extinta loja Bule Monstro. Não sei bem qual era o contexto, só lembro que minhas primas riram muito com o nome da loja e riram mais ainda quando

[1] Cria da Guabiroba, com formação na área de História (UFPel e UFSM) e atualmente trabalhando com gestão, desenvolvimento e aplicação de ações e políticas culturais na região do Alto Vale do Itajaí/SC.

viram a fachada da mesma em uma foto na *internet*. Foi aí que interferi dizendo que já conhecia a Bule Monstro devido às minhas pesquisas em jornais de época na Bibliotheca Pública Pelotense.

Antes de seguir com o caso, cabe um esclarecimento sobre a loja. A Bule Monstro foi uma loja do tipo bazar, onde se destacava a venda de louças nacionais e importadas em cristal e porcelana. Na verdade, a loja vendia de tudo, desde brinquedos a pratarias; de coroas fúnebres a fantasias de carnaval. Foi fundada em 1912 pelo senhor Antônio Gigante, localizava-se na rua Andrade Neves, esquina Sete de Setembro, onde hoje funciona uma ótica. Depois de passar por vários donos, a loja acabou fechando na década de 1970. Pois bem, em termos gerais para a época, a loja era um evento! As propagandas nos jornais eram bem-feitas e chamativas, destacavam a sofisticação de seus produtos, assim como a variedade. Até mesmo a inauguração da iluminação externa da loja foi noticiada no dia 2 de outubro de 1912 em um jornal da capital do estado. Sua inauguração em 1912 ainda era um resquício da sofisticação e vanguardismo alcançado por Pelotas durante aquele período de "opulência", como bem dizia o professor Mario Osório Magalhães.

A *Belle Époque* pelotense que se esforçou em durar até meados da década de 1930, trazia consigo um de seus aspectos mais caros, o estilo artístico conhecido por *Art Nouveau* (se prestarmos bem atenção, o estilo ainda reside em diversas fachadas, vitrais e grades de algumas casas e ca-

sarões da cidade); este estilo artístico estava inserido em um movimento maior, que por falta de espaço não darei destaque, no entanto, para quem interessar, basta procurar pelo movimento denominado *Arts and Crafts*. Pois bem, este estilo artístico que fazia parte do cotidiano da cidade (e de certo modo, ainda faz), em certa medida aproximava àquelas pessoas que não tinham acesso à "arte comprada", fazendo com que determinadas construções/intervenções pela cidade gerassem uma comoção sensorial, aquela sensibilidade que só a arte, em todas suas vias, têm a capacidade de provocar. Aí que entra a Bule Monstro, pois sua fachada inspirada no *Art Nouveau* trazia o famoso bule, feito de ferro fundido composto de um vitral com vidros coloridos, chamando a atenção de toda população, obviamente.

Todo esse fervor em torno do bule provocou, e ainda provoca, um certo alvoroço quando o assunto é a loja, pois o bule do frontispício, em termos atuais, nem era tão monstro assim, e aí é que está o x da questão, as percepções individuais e o tempo que se esvai. Pois, retornando a memória de minha vó, o bule vitral da loja era algo fantástico, assim como a loja em si, uma vez que seu contato com a mesma, acredito eu, tenha sido lá pelos anos de 1940 ou 1950, décadas destacadas pelo consumo, quando ir ao centro da cidade passou a ser um passeio e não apenas uma precisão. Neste sentido, a percepção de minha vó acerca do bule permaneceu intocada, pois em suas lembranças, aquele bule ainda era algo extraordinário, representando algo diferente e "moderno", guardadas as proporções.

Retornando ao estranhamento das minhas primas ao verem que o bule não era tão "monstro" assim, de logo me veio à cabeça o trabalho do sociólogo polonês Zygmunt Bauman (2021), onde este autor aborda o processo de fluidez que toma a sociedade, se adaptando como um líquido a qualquer recipiente, a qualquer ambiente. Neste sentido, a fluidez da modernidade, assim como os líquidos tendem a escorrer pelos nossos dedos, não permanecendo por muito tempo em nossas mãos. Diferente segue a percepção da minha vó, que ainda toma uma forma rígida, calcada em suas lembranças, mas que, no entanto, é dotada de maior sensibilidade e significação frente ao todo que se molda, se ressignifica e se esvai com a dita "modernidade". Vejo que ambas as percepções do "bule monstro" (da minha vó e de minhas primas), são frutos de seu próprio tempo, uma viabilizada pela sensibilidade e percepção, enquanto a outra, pela emergência dos momentos, que a cada dia nos torna mais obtusos e menos observadores, menos *flâneurs*...

Sendo assim, dedico este à memória de Dona Paulina, minha vó, que observava e refletia sobre o tempo a sua maneira, fazendo de suas lembranças ótimas histórias, que por sempre rememoramos.

Referência

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade liquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

A cidade que me habita

Edelson Santana de Almeida[1]

Eu não nasci em Pelotas, mas a cidade parece ter estado sempre em mim. Tudo teve início quando, em uma infância livre pelos cerrados mato-grossenses, nos anos oitenta do século passado, a fita cassete do nosso gravador de repente adquiriu um sotaque gaúcho: é sinal que valeu, que o destino escreveu a vida... E os pelotenses Kleiton e Kledir passariam a ser presença constante em nosso quotidiano simples, porém criativo.

Logo deixaríamos a condição de televizinhos para cultivar o hábito diário das telenovelas em nossa casa. A cartilha da escola era deixada por um momento no canto da sala, onde passou a reinar a televisão, e não segurávamos o riso

[1] Natural de Rondonópolis (MT), foi aluno da graduação em Letras – Redação e Revisão de Textos da Universidade Federal de Pelotas (UFPel).

diante de um divertido quarteto cômico de *Guerra dos Sexos*. Ainda vivendo tempos de repressão militar, a também pelotense Glória Menezes já brilhava no papel de uma viúva forte, batalhadora e, sobretudo, independente.

Um sopro de democracia atingia o Brasil quando foram ao ar os primeiros capítulos de *O Tempo e o Vento*, minissérie inspirada na obra de Erico Verissimo, autor gaúcho que ainda teria Pelotas como cenário para a adaptação de *Incidente em Antares*. Da televisão para os livros, apenas um salto; e meu universo se alargaria ainda mais, para além dos quintais.

Foi ali o meu ponto de partida para tentar entender as tantas lutas que forjaram um estado e até, por certo tempo, uma república. O preço do charque, que alimentava homens escravizados, foi um dos motivos para a mais longa guerra já vista no país. Os mesmos negros que se agrupariam como lanceiros e, em batalha, seriam dizimados por interesses econômicos. Tudo isso eu li.

A literatura me apresentaria ainda Manuela de Paula, a noiva que foi sem nunca ter sido, a Inês sem príncipe, a Penélope que não viu o retorno do seu herói. A virgem que morreu do coração e se eternizou pelos pares pelotenses como a Noiva de Garibaldi, romanticamente representada na obra de ficção *A Casa das Sete Mulheres*.

Um corte imenso no tempo, o mundo em pandemia e, por uma inesperada força do destino, estava eu pela primeira vez com os pés na cidade que me parecia já conhecida.

Matriculei-me em Redação e Revisão de Textos na Universidade Federal de Pelotas, um curso desejado que eu encontrei somente lá. Instalei-me próximo do Largo de Portugal, um lugar de onde se pode ver e ouvir o trem atrapalhando o trânsito do bairro Simões Lopes.

A cada caminhada pela cidade, uma experiência sensorial. A novidade do espaço físico unia-se ao vivido e as primeiras impressões juntavam-se a velhas memórias, constituídas por tudo aquilo já ouvido e lido. Novas percepções começavam a construir em mim um inédito legado de saber.

E eu andava pelas ruas como se andasse em casa, espaço permanente aqui dentro de mim. Do Três Vendas ao Areal, do Fragata ao Laranjal. Descia a Dom Pedro, passava no Porto, chegava ao Balsa, onde recebia um bom-dia a cada passo. Canal de São Gonçalo, o Quadrado, de onde se vê a UFPel, discretamente a unir a Laguna dos Patos e a Lagoa Mirim. Descobri ainda que o sol se põe atrás da estação ferroviária, muito longe, mas as suas cores fortes me alcançavam.

Então, nessa minha condição de *flâneur*, o cheiro úmido que me despertava os sentidos muito me explicou sobre Pelotas. Eu soube, por exemplo, que o seu nome se originou de uma canoa de couro usada para atravessar o arroio, rebocada às margens por um nadador. E que, antes da cidade, veio a charqueada, quando um português elevou a produção nacional do charque. A carne salgada movimentou o mercado e deu de tudo: terras, comércio, indústria,

escravos, banco, casarões... e a já dita revolução. Trouxe também a fartura do açúcar, e a cidade próspera pelo sal tornou-se também a capital do doce.

Eu soube ainda mais de Simões Lopes Neto e Lobo da Costa, de Vitor Ramil e Angélica Freitas. Da Bibliotheca Pública, do Mercado Central, das praças, dos teatros e dos museus. Dos churrascos e dos tragos, novas milongas e música nativa. Do *tu* em vez de *você*. Da fala que me parecia música, em fonologia própria entre *bahs* e *tchês*, e do *merece!* ao agradecer. Das árvores que mudam de tom. De um clima temperamental e estações bem-definidas. De tudo o que pode ser que não seja, mas a minha mente o fez assim, pitoresco até.

E hoje eu sei, sobretudo, que tudo isso foi temporário, pois um dia chegou ao fim a jornada. Ter estado só e de passagem me fez não menosprezar histórias e tentar jamais atrapalhar o caminho de qualquer ser com quem eu cruzei nesse meu trajeto incomum. Estive lá para estudar, e a noção de transitoriedade, diante de uma cidade que existe há séculos, talvez tenha ficado para mim como a maior das lições que em Pelotas eu tive.



Figura 1. Monumento a Simões Lopes Neto, um dos grandes nomes da literatura produzida em Pelotas. Fonte: Arquivo do autor.

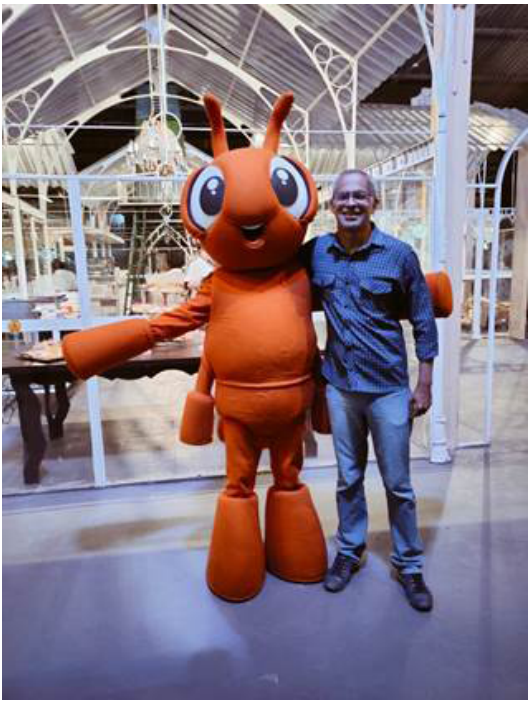


Figura 2. A tradição doceira de Pelotas reunida na Feira Nacional do Doce (Fenadoce). Fonte: Arquivo do autor

200 anos de Pelotas

Carmela Acosta Russomano[1]

"São 200 anos de glória, tem história
É charque, é riqueza
Tem tanta beleza
Me orgulho de ser parte da princesa

Na tradição, o doce é símbolo da herança imperial
E a catedral homenageou São Francisco que a cidade abençoou

Meu laranja que traz emoção
Bate no peito toda essa paixão
E, por Pelotas, vem Simões Lopes arrastando a multidão (2x)

[...]"

O final do hino acima eu não lembro exatamente, mas sei que envolvia os teatros Sete de Abril e Guarany, o Laranjal e o clássico BRA-PEL.

[1] Graduanda em Direito na Universidade Federal de Pelotas.

O ano era 2012 e Pelotas completava seus 200 anos. O desafio foi lançado pela direção da Escola Mario Quintana. As equipes - laranja e azul - tinham que produzir o melhor hino e enredo para o desfile de abertura da olimpíada promovida pela escola naquele ano. Isso definiria a grande vencedora da Jornada Esportiva. E o tema, é claro, era "os 200 anos de Pelotas". Não poderia ser outro.

Eu tinha nove anos na época e lembro como se fosse hoje, não só do desfile extravagante que envolvia grupos de pessoas vestidas com as camisetas do Xavante e do Pelotas, doceiras e maquetes enormes representando os prédios históricos, mas também do hino descrito acima, o qual foi escrito em 2012 pelos alunos responsáveis pela organização da equipe laranja da olímpiada.

Eu costumava cantar o hino para meu avô, Clovis Gotuzzo Russomano, para que eu pudesse decorar rapidamente, pois o desfile logo chegaria. Meu avô, pelotense assim como eu, ao me ouvir cantar, expressava um sorriso de orelha a orelha, mas o curioso era que ele não falava nada, apenas sorria.

A minha equipe ganhou a Jornada Esportiva naquele ano, e sempre achei surpreendente o fato de eu ter gravado a letra do hino por 12 anos, mas achava mais curioso ainda o motivo do meu avô ficar tão sorridente ao me ouvir cantar e, mesmo assim, não dizer uma palavra sequer.



Figura 1.
Clóvis Russomano recebendo homenagem na Câmara de Vereadores de Pelotas, 2023.
Fonte: Arquivo da autora, junho 2025.



Figura 2. Carmela Russomano e seu avô, Clóvis Russomano.
Fonte: Arquivo da autora, junho 2025.

Hoje entendo que ouvir o hino trazia diversas lembranças para o meu avô, nascido e criado em Pelotas, e que vive na cidade há 99 anos. Não poderia ser diferente. E, na verdade, preciso dizer-lhes que ele estava certo, pois quando se trata de um convite para assar um churrasco, comer um bem-casado, e, quando o Xavante faz um gol, não se precisa dizer mais nada… um sorriso de orelha a orelha já fala por si só!

Por fim, digo-lhes que não importa se com 9 ou 99 anos, mas todos vivem, sentem e conhecem a Pelotas que o hino tão bem descreveu. A cidade nos une.

Como é bom ser pelotense!

Esta obra foi composta em Dante MT Std
pela Acervus Editora



Acervus Editora
Av. Aspirante Jenner, 1274 – Lucas Araújo
Passo Fundo | Rio Grande do Sul | Brasil
Tel.: (54) 99676-9020
acervuseditora@gmail.com
acervuseditora.com.br

O livro reúne textos carregados de relações e afetos com o município de Pelotas, Rio Grande do Sul. São aspectos da cidade narrados por diferentes pessoas, a partir de suas próprias memórias e das formas particulares de documentar suas vivências. Assim, valoriza o interesse público em rememorar e compartilhar suas próprias experiências citadinas. É a possibilidade de conhecer aspectos do passado de Pelotas contada pela própria sociedade, por pessoas de diferentes grupos sociais e gêneros, resultado de uma atividade extensionista da UFPEL, que aproxima universidade e comunidade.

Os Organizadores



9 786552 300935